



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2610 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

BRINCADEIRAS INTERATIVAS DOS BEBÊS NA CRECHE: UM ESTUDO À LUZ DE PEDAGOGIAS PARTICIPATIVAS
Andréa Costa Garcia - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FEUSP
Mônica Appezzato Pinazza - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FEUSP

O presente artigo tem por objetivo analisar as brincadeiras estabelecidas nas situações de interação entre bebês e suas professoras na creche, à luz de pedagogias participativas, tomando como base dados da pesquisa de mestrado da autora. O quadro teórico ancora-se essencialmente em perspectivas pedagógicas de natureza participativa: a Pedagogia-em- Participação, a Proposta de Elinor Goldschmied e a Abordagem Pikler. A pesquisa de natureza qualitativa (LANKSHEAR; KNOBEL, 2008), caracterizada como um estudo de caso único (YIN, 2005 e STAKE, 1999), de inspiração etnográfica (WOODS, 1999), foi realizada em uma creche, da rede pública direta municipal, da cidade de São Paulo, e implicou a imersão da pesquisadora no cotidiano de uma sala de Berçário I (0 a 1 ano), durante o período de 10 meses. As sessões de observação resultaram em registros escritos, fotográficos e filmicos, com captação de cenas. Partindo da análise do material produzido foi possível perceber que as formas como acontecem as interações das professoras com bebês, no contexto de creche, estão em grande medida relacionadas com os contornos que a brincadeira assume e o quanto as brincadeiras podem compor situações privilegiadas para a emergência de pedagogias participativas.

Creches. Bebês. Interações. Brincadeiras.

BRINCADEIRAS INTERATIVAS DOS BEBÊS NA CRECHE: UM ESTUDO À LUZ DE PEDAGOGIAS PARTICIPATIVAS

O presente artigo tem por objetivo analisar as brincadeiras estabelecidas nas situações de interação entre bebês e suas professoras na creche, à luz de pedagogias participativas, tomando como base dados da pesquisa de mestrado da autora. O quadro teórico ancora-se essencialmente em perspectivas pedagógicas de natureza participativa: a Pedagogia-em- Participação, a Proposta de Elinor Goldschmied e a Abordagem Pikler. A pesquisa de natureza qualitativa (LANKSHEAR; KNOBEL, 2008), caracterizada como um estudo de caso único (YIN, 2005 e STAKE, 1999), de inspiração etnográfica (WOODS, 1999), foi realizada em uma creche, da rede pública direta municipal, da cidade de São Paulo, e implicou a imersão da pesquisadora no cotidiano de uma sala de Berçário I (0 a 1 ano), durante o período de 10 meses. As sessões de observação resultaram em registros escritos, fotográficos e filmicos, com captação de cenas. Partindo da análise do material produzido foi possível perceber que as formas como acontecem as interações das professoras com bebês, no contexto de creche, estão em grande medida relacionadas com os contornos que a brincadeira assume e o quanto as brincadeiras podem compor situações privilegiadas para a emergência de pedagogias participativas.

Palavras – chave: Creches. Bebês. Interações. Brincadeiras.

Introdução

As análises apresentadas neste artigo decorrem do conjunto de dados produzidos na pesquisa de mestrado da autora no contexto educativo da creche. Realizada em uma instituição de educação infantil – CEI (Centro de Educação Infantil) da rede pública da cidade de São Paulo, a pesquisa teve como objetivo geral a investigação das interações estabelecidas entre os bebês e suas professoras no berçário à luz de pedagogias participativas.

No contexto atual, em que um número cada vez maior de crianças passa a frequentar instituições de educação coletiva antes do primeiro ano de vida, sob ações de cuidado e educação, torna-se relevante investigar a respeito das práticas educativas desenvolvidas junto aos bebês. Parte-se do pressuposto que conhecer a respeito das ações das educadoras

junto aos bebês, neste caso, as brincadeiras constituídas entre eles, significa trazer à tona elementos relacionados com a qualidade das experiências vividas e visibilizar questões relevantes do ponto de vista educativo, que muitas vezes permanecem ocultas no cotidiano do berçário.

Pedagogias para pensar e agir no berçário

As Pedagogias que serão consideradas, na presente análise, podem ser denominadas como pedagogias participativas, tendo por referência os valores e princípios que as aproximam. Tecendo uma análise acerca dos modos de pensar e fazer pedagogia e, por conseguinte, o processo educativo, é possível considerar diferentes quadros interpretativos, em que se revelam valores, crenças e concepções, expressos essencialmente em duas perspectivas: das pedagogias transmissivas e das pedagogias participativas.

Para analisar os propósitos de uma pedagogia e localizá-la entre uma pedagogia da transmissão, centrada no conhecimento que se quer veicular e uma pedagogia da participação, centrada nos atores como participantes dos processos de aprendizagem, será necessário considerar, segundo Formosinho e Oliveira-Formosinho (2013, p.189):

O contraste entre esses dois modos principais de fazer pedagogia faz-se analisando: os objetivos que cada um se propõe; a imagem de criança que pressupõe; a imagem de professor que propõe; o processo de ensino-aprendizagem adotado; o espaço de aprendizagem criado; o tempo de aprendizagem vivido; as atividades e projetos desenvolvidos; as aprendizagens realizadas e documentadas.

As pedagogias participativas, ao romperem com os modos transmissivos, têm como objetivo o envolvimento pela experiência, e o processo de construção da aprendizagem se dá na experiência contínua e interativa. Sob essa perspectiva oferecer um serviço educativo não se faz suficiente para que produzam aprendizagens significativas e um impacto real na vida das crianças atendidas. O conceito de qualidade de pedagogias com uma matriz participativa está intimamente relacionado com um contexto que participe.

A composição teórico-argumentativa do presente estudo recorre, essencialmente, aos trabalhos desenvolvidos por autores como: Oliveira-Formosinho (2013), Oliveira-Formosinho e Araújo (2015), Cardoso (2012), Goldschmied e Jackson (2007), Falk (2011, 2016), e os escritos de pesquisadoras brasileiras como Kishimoto (2010, 2011), dentre outros.

Ao investigar a ludicidade e aprendizagem, Cardoso (2012)¹ apresenta importantes referências a respeito da criação de ambientes educativos favoráveis à exploração, e desenvolvimento de aprendizagens significativas por parte da criança. A autora destaca as possibilidades de reconstrução da pedagogia em creche, com relevância para a atividade lúdica, como uma poderosa forma de intervenção pedagógica, quando assinala que: “[...] o brincar impõe-se assim como um imperativo para a construção de contextos de qualidade, que promovem o bem-estar e as aprendizagens das crianças” (CARDOSO, 2012, p. 28).

O brincar é concebido aqui como atividade de alto impacto nas aprendizagens das crianças na faixa etária da creche, de tal sorte que é preciso zelar pelas condições ambientais para que este aconteça. Do ponto de vista da Pedagogia-em-Participação há uma unidade indissociável entre o brincar e a aprendizagem nos primeiros anos de vida, sendo essa uma questão curricular relevante.

Goldschmied e Jackson (2007) igualmente fazem referências ao papel do adulto diante das brincadeiras, do qual requer-se a atitude interessada e calma, capaz de apoiar os bebês diante da exploração do desconhecido, que pode representar algo ameaçador, de tal sorte que possa apaziguar a ansiedade infantil, permitindo, assim, a liberação de energia para desfrutar da brincadeira de maneira concentrada.

Na abordagem Pikler os mesmos princípios de autonomia e iniciativa são considerados ao se analisar o brincar do bebê, necessidade extremamente importante para o desenvolvimento de suas potencialidades. Aos educadores cabe observar a iniciativa e a atividade das crianças, interferindo apenas quando necessário, oferecendo possibilidades de escolha, decisões e um olhar atento na atividade livre, sem interrupções bruscas ou interferências diretas, o que possibilitará o desenvolvimento da segurança afetiva por parte da criança (SOARES, 2017).

Quanto à importância das brincadeiras, Kishimoto² (2011) destaca as possibilidades de ação dos bebês, em relação às brincadeiras, desde bem pequenos, não somente a partir dos 6 anos e a consideração do brincar e das brincadeiras como atividade fundamental da infância.

As teorias aqui abordadas concebem o quanto as crianças, mesmo as bem pequenas, tem saberes, preferências e são capazes de fazer escolhas e mostrar com seus gestos e olhares como são capazes de compreender o mundo. O brincar, nesse contexto, é considerado como a atividade principal do dia a dia da criança pelas inúmeras possibilidades de aprendizagem que o brincar oferece. Kishimoto (2010, p. 20) assevera o que o brincar é o elemento que garante ações pedagógicas de maior qualidade “para educar a criança na creche, é necessário integrar não apenas a educação ao cuidado, mas também a educação, o cuidado e a brincadeira. Essa tarefa depende do projeto curricular”.

Metodologia de pesquisa

A pesquisa de natureza qualitativa (LANKSHEAR; KNOBEL, 2008), caracterizada como um estudo de caso único (YIN, 2005 e STAKE, 1999), de inspiração etnográfica (WOODS, 1999), foi realizada em uma creche, da rede pública direta

municipal, da cidade de São Paulo.

O estudo empírico foi desenvolvido em dez meses, com sessões semanais de três a quatro horas, envolvendo a observação do cotidiano de um berçário I (destinado ao atendimento de bebês de 0 a 1 ano), com alternância de dias da semana e de períodos diários.

O conjunto de dados produzidos na pesquisa empírica, baseia-se em registros (escritos, fotográficos e filmicos) de observação direta do cotidiano do berçário do CEI e, em complementação, as anotações de acontecimentos e diálogos informais capturados durante o processo investigativo, que compuseram o caderno de campo da pesquisadora. Esses dados foram analisados e discutidos à luz do referencial teórico considerado neste estudo.

Cada um dos episódios observados foi registrado a partir de uma sequência de imagens acompanhada de uma narrativa da pesquisadora, e um título atribuído em função de algum conteúdo emergente constituído na cena capturada.

Análise dos dados produzidos

Os episódios, constantes da presente análise, foram eleitos por contemplarem aspectos considerados relevantes para a compreensão do contexto das brincadeiras constituídas a partir das interações entre bebês e suas professoras na creche.

Os três episódios de brincadeiras denominados: -Cadê o nenê? Achou!, -Eu voute pegar e -Tá todo mundo olhando, envolvem respectivamente: a situação de aparecer e desaparecer, o denominado jogo de “cuco” ; a brincadeira com caixas, que inclui a experiência do “pegar” e “ser pego” e a brincadeira com tecidos, em que os participantes se alternam no movimento de cobrir e descobrir.

Evidenciou-se, durante as três situações observadas, uma forte curiosidade e um desejo que atraiu o olhar dos bebês, despertado seja pelo esconder-se e achar a professora, ou pelo tecido que se movimenta, ou ainda pela inusitada possibilidade de ver a professora se escondendo atrás das caixas.

Os objetos para brincar, sejam os tecidos, as caixas ou o próprio corpo, só ganharam sentido quando passaram a ser objetos mediadores da comunicação entre a professora e o pequeno grupo envolvido na brincadeira.

Cabe destaque para a interação lúdica e comunicativa como um elemento essencial que se fez presente nestas circunstâncias. Durante a brincadeira de esconder, por exemplo, ao procurar os bebês, dizendo: - Cadê você? e ao encontrá-los, dizendo: - Achou! a professora vivenciou com os bebês a experiência da presença e da ausência em que se estabeleceu uma situação comunicacional, na qual os bebês, mesmo sem terem desenvolvido a linguagem verbal, captaram o significado da situação e do jogo, em que foram chamados pela professora e responderam apresentando-se a ela, com suas expressões faciais, ações e posturas corporais. Assim foram constituindo uma das primeiras ocasiões para o uso sistemático da linguagem do bebê com o adulto.

A força do jogo esteve presente na incerteza ao reencontrar ou não a professora, ao esconder e achar, e esse jogo, conforme dispõe Bruner (1995), também inclui outra característica da linguagem, o assumir papéis intercambiáveis, o que podemos denominar como a comunicação por turnos, em que os papéis de emissor e receptor, em um diálogo, podem ser alterados e modificados.

Por vários episódios foi possível coletar indícios de que o prazer pela brincadeira manteve bebês e suas professoras envolvidos por longos períodos a brincar, em que a atenção nestas ocasiões foi sustentada durante o tempo em que brincaram juntos. As expressões de prazer e os sorrisos dos bebês e das professoras são indicativos do interesse pelas brincadeiras interativas.

Dentre as situações observadas durante a jornada diária, uma das professoras, foco de observação, se mostrou bastante acessível ao contato físico com os bebês especialmente nos momentos de brincadeiras, demonstrando intensa disponibilidade corporal e emocional para brincar com eles, em alguns momentos, chegando a provocar reações de euforia no grupo, o que favoreceu grandemente o envolvimento de todos.

A mediação pedagógica estabelecida nessas situações, envolvendo as brincadeiras, favoreceu a exploração, a descoberta, possibilitando às crianças uma imersão em experiências sensoriais, que Oliveira- Formosinho e Araújo (2015) consideram como a primeira forma de razão, inteligência e emoção, cujo acontecimento não se dá no isolamento, mas em companhia.

Ao experimentarem as possibilidades de se esconder e ser achado, de pegar e ser pego, cobrir e revelar as professoras e os bebês compartilharam da experiência de forma horizontal, sem uma hierarquia desnecessária, partindo das possibilidades participativas entre adultos e crianças. O envolvimento da professora nas ações de esconder-se, engatinhar ou cobrir-se com os tecidos, aproximou-a dos bebês e constituiu-se em um dos gatilhos que permitiu o partilhar da brincadeira com eles.

Quando uma das professoras cobriu-se com o tecido e a outra disse: “[...]Tá todo mundo olhando” é possível confirmar as múltiplas possibilidades de interação com os bebês, a partir de brincadeiras e quantas aprendizagens podem ser construídas coletivamente nessas circunstâncias.

Foram registradas também situações nas quais os bebês convidaram as professoras para a brincadeira e encontraram um adulto à sua disposição, o que facilitou a continuidade da ação. Ao responder à iniciativa dos bebês e anunciar a

abertura para brincar, instaurou-se um diálogo em que ambos foram protagonistas em encontros de intensa comunicação, realizada através dos toques, dos olhares e da postura corporal.

Tendo como referência os eixos da Pedagogia-em- Participação (OLIVEIRA- FORMOSINHO, 2013), é possível compreender que a professora ao valorizar o envolvimento dos bebês com a situação lúdica, propicia a vivência de uma pedagogia de laços, em que os bebês vivem a sensação de fazer parte, pertencer e participar de forma extremamente significativa, repleta de admiração.

Considerações finais

As reações observadas nos bebês e nas professoras durante as brincadeiras, de modo geral, foram de interações marcadas por envolvimento e participação, o que pode ser apreendido pelas diferentes reações apresentadas.

As professoras mostraram-se sensíveis para os componentes expressivos- emocionais das condutas infantis, alimentando o maravilhamento e a curiosidade.

Os episódios não deixam dúvidas quanto às múltiplas possibilidades de encontros entre bebês e suas professoras nas situações de brincadeiras. Ao brincar de “esconder e achar”, no “pega-pega” ou nas ocasiões em que “todos estão olhando”, a disponibilidade em compartilhar significados e aprendizagens se constituiu como o elemento essencial da interação professoras-bebês, conforme preconizam as pedagogias participativas.

As práticas das professoras, pautadas no olhar e na escuta cuidadosos dos bebês, criaram condições favoráveis ao bem-estar, ao envolvimento, à participação e à aprendizagem, diferentemente de ações mais preocupadas em cumprir as expectativas dos adultos. Ademais, os dados de campo revelaram que as situações de brincadeiras, em que os adultos e bebês estiveram igualmente envolvidos, tendem a ser prolongadas e potencializam experiências expressivas.

Dos dados de campo depreendem-se indícios de que ao interagirem com os adultos, os bebês encantam-se, interessam-se pelas coisas do mundo. Quanto melhores são as condições ambientais, de tempo/espaço e relações, como foi possível verificar nas situações envolvendo brincadeiras, maiores são as oportunidades de experiências de aprendizagem para os bebês, individual e coletivamente, o que ratifica as teorizações de Oliveira-Formosinho e Araújo (2015), Goldschmied e Jackson (2007), Falk (2011, 2016),

Diante desta premissa cabe considerar, porém, o quanto as interações positivas e os contextos favoráveis gerados entre professoras e bebês na vivência de brincadeiras, em muitas das circunstâncias observadas, não resultaram exatamente do plano de trabalho das professoras, mas sim, de acasos da rotina, sem continuidade e esdobramentos interessantes. Os imprevistos, aquilo que emerge no dia-a-dia, podem ser situações potentes e inspiradoras, mas as ações das professoras não podem se restringir a imprevisibilidade, ao contrário, defende-se, aqui, ações pedagógicas que demandam planejamento de tempos, espaços e relações.

Na vida vivida no berçário, embora já seja possível localizar uma dada condição das professoras na consideração de saberes e potencialidades dos bebês, ainda há um longo caminho a percorrer na busca por um currículo para a creche, assentado nos preceitos das pedagogias participativas, o que implica o esclarecimento sobre o papel do adulto-educador e o dimensionamento de um ambiente educativo condizente com as possibilidades dos bebês, tendo as situações de brincadeiras como essenciais na composição das práticas cotidianas.

Referências

BRUNER, J. El habla del niño: aprendiendo a usar EL lenguaje. Barcelona: Paidós, 1995.

CARDOSO, M. Criando contextos de qualidade em creche: ludicidade e aprendizagem. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Minho, Portugal, 2012.

FALK, J. (Org). Abordagem Pikler educação infantil. São Paulo: Ed. Omnisciência, 2016.

_____. (Org). Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy. Araraquara: Junqueira & Marin, 2011.

GOLDSCHMIED, E; JACKSON, S. Educação de 0 a 3 anos; o atendimento em creche. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KISHIMOTO, T. M. Brinquedos e brincadeiras na educação infantil. In: Anais do I Seminário Nacional Currículo em Movimento perspectivas atuais. Belo Horizonte, 2010.

_____. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 2011.

_____; OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. Em busca da pedagogia da infância: pertencer e participar. Porto Alegre: Penso, 2013.

LANKSHEAR, C; KNOBEL, M. Pesquisa pedagógica do projeto à implementação. Porto Alegre: Artmed, 2008.

OLIVEIRA-FORMOSINHO; ARAÚJO, S. Educação em creche: Participação e Diversidade. Porto: Porto Editora, 2015.

SOARES, S. Vínculo, movimento e autonomia: educação até 3 anos. São Paulo; Ed. Omnisciência, 2017.

STAKE, R.E. Investigación con estudio de casos. 2 ed. Madrid: Morata, 1999.

WOODS, Peter. Investigar a Arte de Ensinar. Porto/PT: Porto Editora. 1999.

YIN, R. Estudo de caso: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2005.

¹ Cardoso (2012) desenvolveu sua tese de doutorado Criando contextos de qualidade em creche: ludicidade e aprendizagem, junto à Universidade do Minho, sob orientação da Profa Dra Júlia Oliveira-Formosinho, a partir dos referenciais teóricos da Pedagogia-em- Participação.

² Kishimoto (1976) por ocasião de seu mestrado em educação, na dissertação intitulada: “Bruner: contribuição para o desenvolvimento do currículo”, anuncia importantes referenciais teóricos, que até os dias atuais se constituem como elementos explicativos a respeito dos processos de aprendizagem dos bebês, especialmente no que se refere à linguagem e às possibilidades comunicativas estabelecidas entre adultos e crianças.

³ Definido por Bruner (2010) enquanto uma situação de diálogo entre dois adultos em que um tem a palavra e o outro escuta e vice-versa.